

K. David HARRISON. *When languages die: the extinction of the world languages and the erosion of human knowledge*. Oxford: Oxford University Press, 2007. 292 pp.
ISBN – 978-0-19-537206-9 (brochado)

Joaquim Barbosa
joaquim.s.barbosa@sapo.pt
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

1 – O tema do livro: Que se perde quando morre uma língua?

Muito antes de termos tomado contacto com a discussão acerca da relatividade linguística, ou de termos ouvido falar da chamada *Hipótese de Sapir-Whorf*, aprendemos, nas primeiras aulas de linguística, que a língua é o modelizador primário do mundo. Soubemos, mais tarde, que diferentes línguas têm diferentes visões do mundo e que, possivelmente, as línguas condicionam a forma de pensar dos seus falantes. (Ver, i.a., Kovecses 2006).

Todavia, preocupados com a tentativa de perceber e descrever o funcionamento do maior número possível de línguas, buscando universais, tivemos muitas vezes de focar a nossa atenção em fragmentos das línguas mais conhecidas e nem sempre demos atenção à relação entre as línguas e a visão do mundo que cada uma delas veicula, nem à forma como o faz.

Se a língua é, de facto, o modelizador primário do mundo, como poderemos conhecer a *visão do mundo* dos falantes de línguas que já não têm falantes? Cerca de 94% dos seres humanos têm como língua materna uma das 389 (c. 6%) línguas mais faladas; mas a grande maioria das línguas – 6500, 94% – são faladas por apenas 6% da população mundial. (cf. Lewis 2009). A pressão das línguas maioritárias, o fluxo migratório para os grandes centros urbanos, as políticas de língua, a perda de prestígio e da auto-estima dos falantes de línguas minoritárias – veja-se o que diz Ferreira (2011) a propósito da língua mirandesa: “era uma vergonha falá-la, considerada

como *fala charra* ou *fala caçurra*, *fala burreinha* face ao *falar grave* ou *falar fidalgo*” – conduzirão, naturalmente, à extinção da maior parte das línguas menos faladas.

Ainda que não haja consenso, muitos linguistas creem que cerca de metade das quase sete mil línguas que ainda existem não terão falantes nativos daqui a cem anos. Mais de meio milhar têm já menos de cem falantes vivos. Desde que há registos, desapareceram mais línguas naturais do que espécies animais. Acresce que, como lembra K. David Harrison neste trabalho, “the vast majority of human languages have never been written down. Their verbal arts thus exist only in memory and are especially vulnerable to forgetting as languages go extinct” (p.17).

Pertencemos a uma civilização da *escrita*, em que até as três grandes religiões mais importantes são chamadas *do Livro*. As nossas *línguas mortas* são o Latim e o Grego Antigo, mas os seus escritos não pereceram. Mesmo que possamos interrogar-nos, como Frederico Lourenço na introdução à sua tradução da *Ilíada*, “As civilizações passam, mas a cultura sobrevive?” (Homero 2005:7), a verdade é que a leitura do primeiro livro da literatura europeia nos permite aproximar da visão do mundo, da *Weltanschauung*, grega. Mais do que isso, como acrescenta Frederico Lourenço, ao lermos a *Ilíada* estamos a reclamar “o lugar que por herança nos cabe no processo de transmissão da cultura ocidental: cada novo leitor acrescenta mais uma etapa, ele mesmo um novo elo” (*Ibid.*)

Que acontece, todavia, com as culturas sem escrita? Que acontece ao conhecimento, à visão do mundo das comunidades linguísticas minoritárias, quando a língua que lhes servia de veículo deixa de ter falantes e se interrompe a cadeia de transmissão oral que vinha, de geração em geração, desde tempos imemoriais?

Depois de percorrer o planeta, das estepes siberianas à floresta amazónica, dos gelos do Alasca aos bazares da Índia, entrevistando os últimos falantes de muitas línguas, K. David Harrison considera, no Prefácio deste trabalho, que:

The extinction of ideas we now face has no parallel in human history. Since most of the world's languages remain undescribed by scientists, we do not even know what it is that we stand to lose. [...] an accretion of many centuries of human thinking about time, seasons,

sea creatures, reindeer, flowers, mathematics, landscapes, myths, music, infinity, cyclicity, the unknown, and the everyday. By demonstrating the beauty, complexity, and underlying logic of these knowledge systems, I hope to motivate more people – speakers, language-lovers, and scientists alike – to work harder to ensure their survival. (p. viii)

2 - Organização do estudo

O estudo está organizado em 7 capítulos e 5 estudos de caso: *Vanishing herds and reindeer words; Nomads of Western Mongolia; Wheel of fortune and a blessing; New rice versus old knowledge; The leaf-cup people, India's modern "primitives"*.

No primeiro capítulo – *A World of Many (Fewer) Voices* – o autor apresenta um panorama geral da situação das línguas em risco de extinção. O capítulo 2 – *An extinction of (Ideas about) Species* – é dedicado ao conhecimento dos recursos linguísticos utilizados na descrição do mundo animal. O capítulo 3 – *Many Moons Ago: Traditional Calendars and Time Reckoning* – estuda as formas tradicionais de medir o tempo e os conceitos utilizados nesse conhecimento.

As palavras usadas para orientação e localização no espaço, bem como as formas linguística de marcar o tempo de viagem, e o respetivo esforço, são tratados no capítulo 4 – *An Atlas in the Mind* – que descreve a construção linguística dos mapas mentais que orientam os povos sem escrita.

“Mas eu não posso contar as minhas histórias para essa coisa”, diz um dos entrevistados por K. David Harrison apontando para a câmara de filmar – “eu tenho de ter audiência; eu só conto as minhas histórias para pessoas!” (p. 141). Que acontece quando os contadores de histórias desaparecem ou perderem audiência porque as crianças já não aprendem as línguas dos seus avós? É disso que trata o capítulo 5 – *Silent Storytellers, Lost Legends*.

O Capítulo 6 – *Endangered Number Systems: Counting to Twenty on Your Toes* – regista sistemas de contagem e de cálculo tradicionais, alguns completamente estranhos para quem, como nós, tem o sistema decimal como o mais óbvio.

“Languages are self-organizing systems that evolve complex nested structures and rules for how to put the parts of words or sentences together. No two languages do this in the same way. (p. 236). Partindo desta premissa e do conhecimento das estruturas linguísticas usadas para apreender

qualidades do mundo como forma, tamanho, género, enumerabilidade, etc., o autor fala, no último capítulo – *Worlds Within Words* – da importância daquilo que interessa à maior parte dos linguistas: a gramática, “the invisible building blocks of cognition” (p. 236).

3- Apreciação global

Ainda que, como cientistas, procuremos manter um distanciamento do nosso objeto de estudo, é muito difícil pôr de lado a emoção quando vemos desaparecer uma língua e, com ela, toda uma cultura, todo um saber acumulado ao longo de gerações e gerações. O trabalho de K. David Harrison tem esse efeito. Contudo, nas reflexões e nas propostas que apresenta predomina a razão, merecendo, por isso, ser estudadas e tidas em conta pelas ciências da linguagem, tanto mais que, como afirma, “Endangered languages stand to play an increasingly central role in the study of the mind” (p. 206).

K. David Harrison é professor de Linguística no Swarthmore College, em Filadélfia, e co-fundador e vice-presidente e investigador do Living Tongues Institute for Endangered Languages.

REFERÊNCIAS

- Ferreira, A. 2011. *É possível a sobrevivência das microlínguas na Europa? O caso do mirandês*.
Aucuncontro Anternacional de Lhéguas - RECLES, Instituto Politécnico de Bragança.
Disponível em <http://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/6117.html>. (Consultado em 31/8/2012).
- Homero. 2005. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia.
- Kovecses, Z. 2006. *Language, mind, and culture: a practical introduction*. New York: Oxford University Press.
- Lewis, M. P. (Ed.). 2009. *Ethnologue: Languages of the World*, Sixteenth edition. Dallas, Texas.: SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com> (Consultado em 31/8/2012).